

PERIFERIAS EXISTENCIAIS DA DEPRESSÃO E DO SUICÍDIO: O SACERDOTE E A PASTORAL
EXISTENTIAL PERIPHERIES OF DEPRESSION AND SUICIDE: THE PRIEST AND PASTORAL

Elismar Alves dos Santos*
Breno Silva Martins*

Recebido em: 05/01/2023

Aprovado em: 11/04/2023

DOI: 10.57147/espacos.v31i1.894

Resumo: Em seu magistério, o Papa Francisco incentivou a Igreja a evangelizar, não só as periferias territoriais, mas também, as periferias humanas. Tal motivação eclesial parece ser extremamente oportuna e urgente, sobretudo em um mundo pós pandêmico, em que não é difícil constatar o aumento das crises existenciais diagnosticadas, como o transtorno da depressão, e de situações que levaram, e levam, ao óbito, por causa do suicídio. Neste sentido, as questões brotam das seguintes especulações teológicas: Como a Igreja, por meio de seus sacerdotes, pode ajudar os fiéis que padecem da depressão e de ideias suicidas? Há um sentido para o sofrimento? Como entender a depressão e o suicídio? Tais indagações ajudarão a adentrar às reflexões teológicas que serão feitas, auxiliando, assim, o leitor a refletir sobre o valor do sacerdote e sua importância na atuação pastoral no mundo, sobretudo, frente aos sofrimentos do homem.

Palavras- Chaves: Igreja, Sacerdote, Sofrimento, Depressão, Suicídio.

Abstract: Summary: In his magisterium, Pope Francis encouraged the Church to evangelize not only the territorial peripheries, but also the human peripheries. Such ecclesial motivation seems to be extremely timely and urgent, especially in a post-pandemic world, in which it is not difficult to observe the increase in existential crises diagnosed, such as depression disorder, and situations that led to, and lead to death, because of suicide. In this sense, the questions swell from the following theological speculations: How can the Church, through her priests, help the faithful suffering from depression and suicidal ideas? Is there a sense to suffering? How to understand depression and suicide? Such questions will help to enter into the theological reflections that will be made, thus helping the reader to reflect on the value of the priest and his importance in pastoral action in the world, especially in the face of man's sufferings.

Keywords: Church, Priest, Suffering, Depression, Suicide.

* Pós-Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Doutor em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Teologia Moral pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE). Mestre em Teologia Moral pela Accademia Alfonsiana/Pontifícia Università Lateranense (Roma-Itália). Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Licenciado em Psicologia (PUC-GO). Bacharel em Teologia (PUC-GO). Licenciado em Filosofia (PUC-GO). Professor de Psicologia e Teologia na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e no Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG).

* Possui licenciatura em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz (2017)/ Faculdade Católica de Anápolis (2023). É Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2022). É especializado em psicologia e Fenomenologia Existencial pela Faculdade de Iguazu (2023) e em Psicanálise Clínica pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (2023).

Introdução

A história mostra que a Igreja nunca ficou alheia às dificuldades de seu tempo, mas sempre procurou, à luz do Evangelho, responder e apontar caminhos para os desafios da humanidade. É nesta perspectiva que o objetivo do presente estudo consiste em apresentar uma reflexão teológica sobre algumas dificuldades existenciais do homem contemporâneo, revelando, ao mesmo tempo, a ação pastoral da Igreja, a qual possui, como animador pastoral, o sacerdote.

Em um mundo que ainda sofre os efeitos da pandemia, não é difícil constatar o aumento das crises existenciais, diagnosticadas através do transtorno da depressão e de situações que levaram, e levam, ao óbito por causa do suicídio. Não temos como intenção esgotar tal problemática e de apresentar soluções pontuais diante do drama existencial da depressão e do suicídio, a questão que se coloca é: como a Igreja, por meio de seus sacerdotes, pode ajudar os fiéis que padecem da depressão e de ideias suicidas?

O Papa Francisco, em seus sermões, relembra a Igreja de sua identidade missionária e a incentiva sempre a ser uma Igreja em saída, uma Igreja que vai ao encontro dos outros, não só nas periferias territoriais, mas, também, nas periferias humanas (cf. *EG*, n. 46). Assim, os conflitos humanos e os colapsos existenciais, também são alvo da ação missionária da Igreja, pois isso é “lugar” de anúncio do Evangelho, “lugar” de pastoral.

Em relação às fontes consultadas, foram utilizadas, majoritariamente, fontes católicas, a Tradição da Igreja, a Sagrada Escritura e o Magistério atual do Papa Francisco. Diante de algumas reflexões eclesiais, buscou-se ajuda em teólogos e historiadores e, no que concerne às questões existenciais da *psique* e de colapsos humanos, não hesitamos em recorrer a importantes psiquiatras e psicólogos a fim de melhor esclarecer a reflexão proposta.

O método utilizado foi o hipotético dedutivo, colocado em prática através das conclusões obtidas a partir das leituras de pensadores de diversas áreas e debates com pesquisadores. O artigo está dividido em três partes. Na primeira, se olhará para as periferias existenciais e sua neurose coletiva. Já na segunda parte, por sua vez, se

discutirá sobre o mal da depressão e do suicídio. E, por último, na terceira parte, se indicará a ação pastoral do sacerdote junto as pessoas que sofrem.

1. Uma neurose coletiva: um olhar para a realidade humana

O sonho pastoral do Papa Francisco, um objetivo a ser alcançado, é que “todos somos convidados a [...] sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG, n. 20). Certamente, à primeira vista, é comum pensar somente em periferias físicas e territoriais. No entanto, o Papa Francisco se refere, também, às periferias humanas (cf. EG, n. 46), e é exatamente este “território” de missão, que será usado para discutir a ação pastoral sacerdotal, neste tópico.

Evidentemente, há uma forte crise antropológica e axiológica na atualidade e, como resultado dela, alude-se a um itinerário comum às pessoas, como um desafio existencial, na contemporaneidade, que se caracteriza pela busca de um sentido para a existência. Sobre este fato, o Documento de Aparecida informa que:

Essa é a razão pela qual muitos estudiosos de nossa época sustentam que a realidade traz inseparavelmente *uma crise do sentido*. Eles não se referem aos múltiplos sentidos parciais que cada um pode encontrar nas ações cotidianas que realiza, mas ao sentido que dá unidade a tudo o que existe e nos sucede na experiência (Dap, n. 37. Grifo Nosso).

Sobre o que enfatiza o documento supracitado, Frankl esclarece que: “Quando é negada a autotranscendência da existência, a própria existência é desfigurada. Ela é materializada. O ser fica reduzido a mera coisa. O ser humano é despersonalizado [...] é transformado em objeto” (FRANKL, 1989, p. 47). Portanto, admite-se que a estrutura humana está sendo deturpada, pois sua real natureza não é compreendida na sua inteireza e concretude.

Com a deturpação, tudo à volta do indivíduo humano assume um caráter de desordem. Que tipo de sociedade é construída quando a pessoa não é vista na sua totalidade? Que estrutura antropológica se forma? Como se estabelece a família, religião e a política?

Recorda-se, aqui, a célebre frase de Aristóteles, resgatada por Santo Tomás Aquino, “*Quia parvus error in principio magnus est in fine*”¹, a qual pode ser entendida como: quando se tem de início uma falsa premissa, tudo que deriva desta estará também errado. Transportando para a concretude da vida, quando se estabelece como fundamento para uma sociedade, noções antropológicas incompletas, e, até mesmo, contrárias, à natureza humana, desencadeia-se uma avalanche de problemas ou crises existenciais e sociais.

A base, sobre a qual se alicerça a reflexão sobre as periferias existenciais, que devem ser alcançadas pelo Evangelho, é a contestação empírica de que o problema do homem contemporâneo é o do vazio existencial. Viktor Frankl acredita que a neurose coletiva dessa época é o vazio existencial, a ideia de que existir não tem sentido algum, como ele descreve:

Hoje o homem não sofre mais tanto, como nos tempos de Freud, de uma frustração sexual, mas sim de uma frustração existencial. E hoje não o angustia tanto, como na época de Alfred Adler, um sentimento de inferioridade, senão, bem mais, um sentimento de falta de sentido, acompanhado de um sentimento de vazio, de um vazio existencial (FRANKL, 2015, p. 9).

Tal problemática, a do vazio existencial, não aparece somente em ambientes da filosofia e psicologia, mas é um problema, essencialmente, teológico, já que “a questão do sentido é uma questão da alma” (BOFF, 2014, p. 4). Também se entende que todos os sentidos da facticidade da vida cotidiana apontam para um Sentido Último, que dá sentido a todas as outras coisas². Isso, porque se sabe que Deus é o começo e o fim, donde todas as coisas saíram e para onde todas as coisas um dia voltarão (CEC, n. 198).

Sendo assim, atentos ao constatável clamor hodierno de sede de sentido, ajudar as pessoas na busca de sentido para a vida, certamente, é uma missão sacerdotal que, na vivência de sua pastoral, é inevitável. Reconhecemos que essa empreitada é demasiadamente grande e que, por esse motivo, é impossível abordar todas as suas realidades, dentro dos limites deste trabalho. No entanto, aventuramo-nos a refletir

¹ “Um pequeno erro no início, torna-se grande no fim” (TOMÁS DE AQUINO, 2013, p. 17; n. 01).

² Sobre este assunto recomenda-se vivamente este artigo: MARTINS, Breno Silva. *O Conceito de Supra Sentido na Logoterapia de Viktor Frankl: Uma Abertura à Teologia Cristã*. Filoteológica, Feira de Santana, v. 01, n. 2, p. 32-51, jul.-dez. 2021. Disponível in: <http://revistafiloteologicafcfs.educacao.ws/index.php/RFTCF/article/view/53>.

sobre duas situações específicas, que consideramos pontuais e concretas na sociedade atual, e que são, também, encontradas com muita frequência, no trabalho pastoral dos sacerdotes: a depressão e o suicídio.

Antes de iniciarmos as discussões, é de suma importância frisar que não há intenção de transformar o sacerdote em psicólogo ou psiquiatra, e muito menos, de fazer dos centros de atendimentos paroquiais, clínicas de psicoterapia. Isso porque a Teologia e a Psicologia são ciências distintas e com objetivos diferentes. “O alvo da psicoterapia é a cura da alma, ao passo que o alvo da religião, por seu turno, é a salvação da alma” (FRANKL, 1992, p. 59). Os objetivos de cada uma das ciências mencionadas são diferentes, e tal diferença deve ser respeitada. No entanto, o encontro entre Teologia e Psicologia, acontece através da transcendentalidade da experiência categorial do homem, como ensina a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*:

Na verdade, os desequilíbrios que atormentam o mundo moderno se vinculam com aquele desequilíbrio mais fundamental radicado no coração do homem. Com efeito, no próprio homem muitos elementos lutam entre si. Enquanto, de uma parte, porque criatura, experimenta-se limitado de muitas maneiras, por outra parte, porém, sente-se ilimitado nos seus desejos e chamado a uma vida superior (GS, n. 10).

Embora, os objetos da Teologia e da Psicologia sejam distintos, mediante a prática da psicoterapia, isso não significa que elas não possam trabalhar juntas, uma vez que seu alvo, o homem, é uma realidade que interessa às duas áreas do conhecimento (MARTINS, 2021, p. 45). Em outras palavras, percebe-se que mesmo quando a religião se preocupa apenas com suas intenções primárias,

ela não deixa de ter o efeito psico-higiênico e até psicoterapêutico, uma vez que propicia à pessoa uma sensação de incomparável proteção e ancoramento que não pode ser encontrada alhures a não ser na transcendência, no Absoluto. Semelhante efeito colateral análogo e involuntário também podemos observar na psicoterapia, uma vez que, em alguns casos, o paciente reencontra ao longo da psicoterapia fontes, há muito soterradas, em uma fé original, inconsciente e reprimida (FRANKL, 1992, p. 59).

Tais feitos não foram ações intencionais dos seus respectivos orientadores. O sacerdote queria salvar a alma, porém, o fiel, no caminho, passou por um processo de

cura da alma. Já o psicoterapeuta, por sua vez, tendo como intenção primária a “cura da alma”, alcançou, no processo, um alto nível de experiência humana com seu paciente, revelando uma bela experiência de aproximação com Deus que, conseqüentemente, levaria a um processo de salvação da alma³. Isso acontece, como já mencionado, porque ambas as ciências, Teologia e Psicologia, tratam do mesmo mistério chamado homem.

2. O mal dos transtornos depressivos e do pensamento suicida

O transtorno depressivo e o pensamento suicida são expressões do padecimento humano, entendidas como consequência da grande neurose coletiva do século atual, que precisam ser alcançadas pelo ministério pastoral do sacerdote. Todavia, cabe aqui mencionar que essas duas situações concretas, difíceis e dolorosas, para muitas pessoas, serão aqui tratadas em sua perspectiva objetiva, factual e concreta. Sabe-se bem que o ato humano possui a dimensão objetiva (material) e subjetiva (consciência e liberdade), contudo, serão tratados, aqui, somente o que se pode perceber fenomenologicamente, e não nas instâncias subjetivas das razões pelas quais cada pessoa foi diagnosticada com tal enfermidade⁴.

2.1 Transtornos⁵ Depressivos

Infelizmente, não são raras as notícias de pessoas que foram diagnosticadas com algum tipo⁶ de transtorno depressivo. “Algumas autoridades estimaram que ao menos

³ Cf. “A direção de almas médicas e Pastoral” in: FRANKL, E. Viktor. *Psicoterapia e Sentido da Vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial*. São Paulo: Quadrante, 1989b. p. 295-300.

⁴ Entrar no aspecto subjetivo do fato de pessoas que sofrem de transtornos depressivos e pensamentos suicidas, demandaria muito tempo, esforço e conhecimentos, os quais não constituem o foco do trabalho. Tal tema possui uma enorme abrangência, a qual escapa ao estudo dos autores do trabalho.

⁵ É preciso, ao menos, pontuar brevemente o que se entende por transtorno. “*Disorder*” ou Fora da ordem, traduzido em português como “transtorno”. “Desordens ou transtornos mentais são síndromes, ou seja, agrupamentos de signos patológicos inconstantes e sem necessariamente uma cadeia causal operando entre eles” (DUNKER, 2021, p. 47).

⁶ Aqui se diz algum tipo, pois são diversos os possíveis diagnósticos para a depressão, a saber: Distímia (transtorno depressivo persistente), Transtorno disruptivo da desregulação de humor, Transtorno disfórico menstrual, Transtorno depressivo induzido por substância ou medicação, Depressão sazonal, Depressão secundária, Depressão endógena, Depressão atípica, Transtorno depressivo maior (transtorno bipolar tipo I), Depressão bipolar (transtorno bipolar tipos II e III, transtorno ciclotímico), Depressão psicótica, há, ainda, condições “coringas”, que podem ser especialmente adequadas a cada caso, como o transtorno depressivo ligado a outra condição médica ou o incrível outro transtorno depressivo e o ainda mais abrangente transtorno depressivo não especificado (DUNKER, 2021, p. 58).

12% da população adulta teve ou terá um episódio de depressão de suficiente gravidade clínica para justificar um tratamento” (AARON, JOHN, BRIAN, GARV, 1967, p.9) e, em conformidade com essa previsão, a Organização Mundial da Saúde publicou um relatório dirigido a ONU, evidenciando um aumento massivo de 28% nos casos de transtornos depressivos. Tal porcentagem significa que 53 milhões a mais de pessoas, em todo o globo, foram diagnosticadas com depressão⁷. Por isso, é fácil perceber que o transtorno depressivo é palpável na realidade atual, bastando, apenas, olhar ao redor, para perceber que existem pessoas que sofrem, ou já sofreram, dessa enfermidade.

O transtorno depressivo pode ser definido, como “a presença de humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo. O que difere entre eles são os aspectos de duração e etiologia” (DSM-5, 2014, p. 155). Embora sejam múltiplas as suas causas, pode-se dizer que estas podem ser, basicamente, de origem biológica, envolvendo problemas nos neurotransmissores cerebrais e seus receptores, ou/e de origem cognitiva, afetando a realidade psicológica.

Quando o assunto é neurotransmissores cerebrais, as monoaminas⁸ constituem a principal teoria de justificativa *biológica* para as depressões. As monoaminas se subdividem em catecolaminas, nominadas de: dopamina, noradrenalina e indolamina (serotonina). A deficiência dessas aminas biogênicas pode ser a principal causadora do transtorno depressivo no sistema neurológico (BAHLS, 1999, p. 3).

Já a teoria cognitiva, postula a ideia de que a causadora do transtorno mental pode ser a maneira com a qual a pessoa vive ou interpreta os acontecimentos da existência. Existiria, assim, uma primazia da cognição como causadora da doença, pois a taxa de pessoas deprimidas, que possuem um alto índice de desempenhos e fracassos, a ponto de induzi-las “a prestar atenção seletiva a eventos negativos, tendendo à auto-avaliação negativa” (BAHLS, 1999, p. 7) é claramente expressiva. As impressões negativas na estrutura do indivíduo, podem ser impressas, também, nos primeiros

⁷Cf. Site OMS. In: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-address-at-the-75th-world-health-assembly---23-may-2022>.

⁸ São neurotransmissores que contam com diversas funções de neuromodulação. As monoaminas recebem e liberam material sináptico, que contém informação para cada uma das atividades complexas que realizamos. Apesar do seu tamanho microscópico, podem regular funções como a atenção, os estados emocionais e as funções viscerais. In: <https://amenteemaravilhosa.com.br/monoaminas/>.

períodos de vida, tendo como causador principal a pessoa mesma ou outrem, através de atos negativos/violentos, que podem causar um espectro negativo de visão de si mesmo, da vida e do mundo, formando, assim, a tríade cognitiva que:

consiste no fato de o paciente apresentar uma visão negativa e persistente em relação a três aspectos fundamentais que são: sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre o futuro. Através dessa interpretação errônea, o deprimido sente-se encurralado, envolvido por situações nas quais só podem ocorrer decepções, sofrimento, desamparo e desesperança (BAHLS, 1999, p. 9).

O transtorno depressivo pode causar muitos males⁹, contudo, em um viés mais existencial, em que fosse possível delimitar uma linha mestra e dorsal de padecimento humano, que atravessasse essa patologia em seus diversos níveis e expressões, apontar-se-ia a tensão abissal entre “ser” e o “dever ser”.

É normal que o homem experimente uma sadia tensão existencial entre o que se “é” e aquilo que se “deve ser”. Tal tensão é, por si mesma, humana, insuperável e imprescindível, existencialmente. É normal que o homem tenha uma dívida com “aquele que ele tem que ser”, como uma possibilidade de aceitação de sua própria limitação, e/ou estímulo de sua capacidade de superação. Entretanto, o depressivo:

experimenta numa dimensão exagerada as tensões entre o ser e o dever. O paciente enxerga com a lupa da depressão que aumenta e desfoca aquilo que seu ser ainda precisa cumprir em relação ao seu dever. A distância entre o ser e o dever é vivenciada e experimentada como se fosse um abismo. [...] Não é a tensão existencial que torna o homem doente, mas sim a doença da depressão que faz com que *o homem se dê conta dessa tensão de maneira desfocada e ampliada* (FRANKL, 2016, p. 69. Grifo nosso).

Seja como for, tanto na perspectiva biológica, quanto na cognitiva, o modelo explicativo/teórico da doença mental revela uma pessoa em sofrimento, um ser humano que, na sua realidade psicofísica, sofre com um mal concreto e real, cuja explicação não pode ser simplória, ou advinda do senso comum. O transtorno depressivo, em seus diversos níveis, não é falta de Deus, como se a culpa de se estar mentalmente doente

⁹ Desregulação no humor, comorbidade, explosão de raiva, baixa estima, fadiga, desespero, insônia, falta de apetite ou alimentação em excesso, temor de que algo terrível irá acontecer, sentimento de perda de controle de si mesmo, sentir-se nervoso ou tenso, desejo de morte, por falta de sentido na vida (DSM-5, 2014, p. 155-188).

fosse resultado de uma tibieza da fé do deprimido. Certamente, a fé ajuda a enfrentar e a curar enfermidades, entretanto, o transtorno depressivo é uma realidade médica e clínica séria e concreta, capaz de prejudicar a relação do doente consigo mesmo, com sua família e com suas crenças. O sofrimento experimentado pelo doente é grande, e não deve ser menosprezado ou diminuído por ninguém. Depressão, como já foi dito, não é falta de Deus, mas uma realidade psíquica.

2.2 Suicídio

O suicídio, como fato social, não fica atrás dos índices estatísticos relacionados ao transtorno depressivo. Ao apresentar o relatório “*Suicide worldwide in 2019*”¹⁰, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, Tedros Adhanom Ghebreyesus, afirmou: “Não podemos - e não devemos - ignorar o suicídio, cada um deles é uma tragédia”¹¹. Neste mesmo relatório, constava a informação de que mais de 700 mil pessoas haviam morrido, por suicídio, em 2019, ou seja, para cada 100 pessoas que morreram naquele ano, uma, tirou a própria vida.

Uma tentativa de suicídio pode ser descrita como um ato voluntário da vítima, direcionado a si mesma, com o objetivo de tirar a própria vida (ABBAGNANO, 2007, p. 928). Destarte, também é possível descrever um suicídio como toda morte que resulta, mediata ou imediatamente, desse ato realizado pela vítima (DURKHEIM, 2000, p. 11). Um estudo completo do fenômeno do suicídio, que envolva seu aspecto histórico, sociológico e cultural, não é possível de se realizar *hic et nunc*¹², contudo, é necessário apresentar alguns estudos e dimensões desta realidade.

Albert Camus, discorrendo sobre o suicídio, afirma que há somente uma questão verdadeiramente séria para cada pessoa, de maneira insubstituível, inalienável e factual: “É o de estabelecer se vale ou não a pena viver” (CAMUS, 1981, p. 14). Atualmente, as pessoas passam por muitas dificuldades e crises, em diversos níveis e dimensões, e, muitas vezes, esses aglomerados de vivências angustiantes acabam levando a um

¹⁰ Disponível para Downloads in: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643>.

¹¹ Cf. In: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>.

¹² Indica-se a leitura da obra de Émile Durkheim. *O Suicídio: Estudo de Sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

esgotamento, à uma falta de perspectiva para soluções de problemas e ao desamparo. Esta situação pode se agravar tanto, que acaba levando o indivíduo a um verdadeiro colapso existencial (BOTEGA, 2015, p. 15).

Diante dessa pane existencial, Botega esclarece (2015, p. 15) que “O suicídio passa a ser visto como solução única para a situação insuportável [...] A capacidade do paciente de manter o controle sobre sua vida torna-se nula ou muito reduzida”. Isto ocorre, porque a pessoa experimenta, dentro de sua estrutura psíquica fragilizada, situações que causam conflitos insuportáveis, de modo que, o desejo de interromper tais conflitos, apresenta-lhe, como solução, interromper a própria vida.

É importante esclarecer, desde já, que, do ponto de vista ético-deontológico, o suicídio deve ser condenado e nunca incentivado, pois é contrário à inviolabilidade da vida e à dignidade da pessoa humana. Seja o suicídio fruto de um colapso existencial, ou parte de um desejo de terceiros, numa realidade hospitalar, como o suicídio assistido, legitimar tal atitude como última liberdade da vida é, efetivamente, desvirtuar a liberdade humana, de modo a exercê-la sem responsabilidade (SGRECCIA, 2014, p. 735).

O primeiro, e inalienável, direito de uma pessoa é o direito à vida, seguido pelo direito à liberdade, então, como este último poderia se sobrepor ao primeiro? Incentivar tal inversão, seria como encorajar, mesmo que indiretamente, o suicídio. Não existe liberdade, sem responsabilidade¹³. Como uma das últimas reflexões sobre esta questão, fica a recomendação de Frankl:

A liberdade é só parte da história e metade da verdade. A liberdade não é senão o aspeto negativo do fenómeno no seu todo, cujo aspeto positivo é a responsabilidade. De facto, a liberdade está em risco de degenerar em mera arbitrariedade, a menos que seja vivida num âmbito de responsabilização. Por esse motivo recomendo que a Estátua da Liberdade na costa leste seja complementada com uma Estátua da Responsabilidade na costa oeste (FRANKL, 2003, p. 73).

No âmbito eclesial, o Catecismo da Igreja Católica é claro: “O suicídio contraria a inclinação natural do ser humano para conservar e perpetuar a sua vida. É gravemente

¹³ “Assim sou, em última análise, responsável por tudo- pela minha existência na totalidade, bem como pelo meu ser-assim, em particular. [...] Ela [responsabilidade sobre o que não se tem controle] é responsabilidade sobre o pano de fundo de uma liberdade última, radical, *um “não” radical: o suicídio*” (FRANKL, 2019, p. 229. 233. Grifo nosso).

contrário ao justo amor de si mesmo. [...] é contrário ao amor do Deus vivo” (CEC, n. 2281). Na verdade, toda a economia da salvação é para que os homens tenham vida plena (cf. Jo 10) e não pereçam na morte, pois Cristo mesmo disse: “Em verdade, vos digo: aquele que crê em mim tem a vida” (Jo 6, 47). Evidentemente, não é desejo, e nem vontade de Deus, que o homem morra e, muito menos, por suas próprias mãos¹⁴.

Voltando à facticidade do fenômeno, Durkheim em sua obra *Suicídio: Estudo de Sociologia*, diferencia os vários tipos de suicídio¹⁵. Há, no entanto, uma problemática interessante, e curiosa, sobre um dos tipos de suicídio, em específico. Intitulado como suicídio anônimo, isto é, um suicídio ocorrido por uma causa não nominada, não evidenciada concretamente e, materialmente, até injustificada. Parece, de certa forma, bastante lógico imaginar que, quanto mais difícil a vida, mais facilmente as pessoas renunciariam a ela. Por conseguinte, as mortes por suicídio deveriam diminuir, à medida que o homem encontrasse condições de vida que lhe proporcionassem mais bem-estar. No entanto, os fatos contradizem tal pensamento (DURKHEIM, 2000, p. 305), uma vez que, conforme aponta a pesquisa do sociólogo francês, “não é o crescimento da miséria que provoca o crescimento dos suicídios” e nem o bem viver que os evita, sensivelmente.

O homem se difere do animal. Este último vive em equilíbrio com o meio em que se encontra, pois depende inteiramente de condições puramente materiais: “Quando o vazio que a vida escavou em seus próprios recursos é preenchido, o animal fica satisfeito e não pede mais nada” (DURKHEIM, 2000, p. 312), diferente do homem, cujas necessidades não dependem exclusivamente de materialidade. Durkheim afirma que “Em si mesma, abstraindo-se todo poder exterior que a regula, *nossa sensibilidade é um abismo sem fundo que nada é capaz de preencher*. [...] Pois desejos ilimitados são insaciáveis por definição” (DURKHEIM, 2000, p. 313. Grifo nosso).

¹⁴ A salvação daqueles que cometeram suicídio, não será, propriamente, tratada neste trabalho, contudo, deixaremos uma citação do Catecismo: “Não se deve desesperar da salvação eterna das pessoas que se suicidaram. Deus pode, por caminhos que só Ele conhece, oferecer-lhes a ocasião de um arrependimento salutar. A Igreja ora pelas pessoas que atentaram contra a própria vida” (CEC, n. 2283).

¹⁵ O suicídio nos estados psicopáticos; o suicídio e os estados psicológicos normais (influência da raça, o aspecto hereditário); o suicídio e os fatores cósmicos; suicídio por imitação; suicídio egoísta; suicídio altruísta, etc.

O psiquiatra de Viena, Viktor Frankl, constatou o mesmo fato, quando fez uma pesquisa em uma Universidade estadunidense, onde 60 jovens haviam tentando suicídio. A pesquisa revelou que 93% desses jovens “eram ativamente participantes no plano social, tinham boa situação acadêmica e tinham um bom relacionamento com os membros de suas famílias” (FRANKL, 1989, p. 14). Não existiam razões materiais, psicológicas, sociológicas ou culturais, que justificassem a tentativa de suicídio. Sendo assim, a resposta, tanto para a questão de Durkheim, quanto para a de Frankl, só poderia estar relacionada a algum aspecto imaterial.

Dos 60 jovens que tentaram suicídio, 85% afirmaram que a razão daquele gesto “*era que a vida parecia vazia de sentido*” (FRANKL, 1989, p. 14. Grifo nosso). Lembra-se, aqui, a reflexão feita anteriormente, sobre o vazio existencial como neurose coletiva desse século. Talvez, esta seja a resposta para aquilo que Durkheim (2000) denominou como *desejos ilimitados e insaciáveis pela materialidade*: reconhecer que, ontologicamente, o homem sente necessidade de uma realidade metafísica que o transcenda, o envolva e o ultrapasse infinitamente, afinal, “Deus pôs a eternidade em seu coração” (Ec 3,11).

3. Reflexões pastorais diante das periferias existenciais

Em ambas as situações relatadas nos tópicos anteriores, evidencia-se aquilo que há de mais doloroso no campo existencial das pessoas: uma mente doente e um desesperador colapso existencial, o qual pode chegar ao ponto de levar a vítima ao desejo de tirar a própria vida. Como mostraram as estatísticas, essas intercorrências sociais estão mais que presentes na atualidade, de forma nunca vista antes, e, com isso, as chances de o sacerdote se deparar com algumas dessas circunstâncias, em sua estrutura paroquial e na sua vivência de ministério pastoral, é extremamente grande. Isso, para não dizer, inevitável.

Para uma melhor organização lógica e argumentação, indicaremos três linhas de ações pastorais para o sacerdote, à luz das atuais indicações eclesiais/bíblicas/teológicas. Tais apontamentos são sugestões que parecem válidas e legítimas, diante da pesquisa realizada sobre o tema.

3.1 Sacerdote: “Não sejamos uma Igreja que não chora diante dos dramas de seus filhos” (CV, n. 75)”.

O sacerdote, como um douto do coração humano e mestre dos mistérios de Deus, deve ter em si os mesmos sentimentos de Cristo Jesus (cf. Fl 2, 5). Isso significa se deixar sensibilizar pelo outro, enquanto outro. É ter a capacidade de se compadecer com a realidade que se lhe apresenta. Ter compaixão é uma característica essencial em um sacerdote, pois Cristo se compadeceu da humanidade, assumindo-a na sua encarnação e santificando-a na sua paixão.

A sagrada Escritura evidencia alguns episódios dessa comoção do mestre Jesus que o impelia aos outros. É bastante conhecido o episódio em que Jesus abre mão de seu descanso, porque encontra uma multidão sedenta: “Jesus viu uma numerosa multidão e teve compaixão, porque eram como ovelhas *sem pastor*. Começou, pois, a ensinar-lhes muitas coisas” (Mc 6, 34. Grifo nosso). Note-se que ter compaixão foi o início de possibilidade para uma ação. O ato de agir em “favor de” é precedido por uma comoção interna do coração.

O mesmo princípio se apresenta na parábola do Bom Samaritano, que apresenta a história de um homem que precisava, urgentemente, de ajuda. O texto bíblico diz que Ele “viu-o e moveu-se de compaixão” (Lc 10, 33), e, depois, cuidou dele. A compaixão é o que permite ao pastor compreender a dor e o sofrimento daqueles que estão à sua volta e tomar para si as suas dores¹⁶.

Essa capacidade de ter compaixão – sofrer com – é traduzida, no magistério do Papa Francisco, pela expressão “o dom das lágrimas”. O Papa se preocupa e chama a atenção para este aspecto que a Igreja deve possuir, isto é, a capacidade de chorar e sofrer diante da difícil realidade de seus filhos.

Certas realidades da vida só se veem com os *olhos limpos pelas lágrimas*. Convido cada um de vós a perguntar-se: Aprendi eu a chorar? [...] A misericórdia e a compaixão também se manifestam chorando. Se o pranto não te vem, pede ao Senhor que te conceda derramar lágrimas pelo sofrimento dos outros. *Quando souberes chorar, então serás capaz de fazer algo*, do fundo do coração, pelos outros (CV, n. 76. Grifo Nosso).

¹⁶ “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si” (Is 53, 4-5).

Ter o dom das lágrimas é condição *sine qua non* para ajudar, entender e amar alguém, assim como para ser um bom pai, um pastor e um bom sacerdote. Logicamente, tal apelo papal não é uma apologia cega e desregrada a um sentimentalismo superficial e desequilibrado, mas um apelo para não deixar, no convívio pastoral e ministerial, de ser humano. Só o homem é capaz de ter afetos, sentir e tomar para si o sofrimento do outro, de maneira gratuita. Há, por vezes, estruturas que se tornam enrijecidas, amargas e duras, incapazes de apontar e comunicar o calor e a afetuosidade de Deus, que é amor. O ato de chorar por alguém, e com alguém, é, na perspectiva das relações humanas, sinal de proximidade, familiaridade e afetuosidade. Seria, certamente, muito difícil, dar a vida e cuidar, zelosamente, do rebanho que lhe foi confiado, se o sacerdote não conseguisse se compadecer, ou se afeiçoar a ele¹⁷.

Permitir-se sentir não é fraqueza, ao contrário, é grandeza de espírito. Assim narra São João, a passagem da morte de Lázaro, o amigo de Jesus: “Quando Jesus a viu [Maria, irmã de Lázaro] chorar, comoveu-se interiormente e perturbou-se. Ele perguntou: “Onde o pusestes?” Responderam: “Vem ver, Senhor!” E *Jesus teve lágrimas*. Os judeus então disseram: “Vede como ele *o amava!*” (Jo 11, 33-35, grifo nosso). O dom das lágrimas, no sentido de se permitir acessar pelo sofrimento alheio, é pré-requisito para qualquer ato altruísta, porque “chorar com”, “sofrer com”, significa empatia, implica estar diante do outro, não por obrigação, ou por causa do ofício sacerdotal assumido, do qual não se pode fugir, mas é estar diante do outro, que sofre de maneira livre e responsável. Em outras palavras, o dom das lágrimas é a “capacidade do coração que torna possível a proximidade” (EG 171).

O Papa Francisco defende que, na vivência pastoral, a obra mais importante é o apostolado do ouvido¹⁸, isso, porque a escuta corresponde ao estilo humilde de Deus. É

¹⁷ Logicamente, não se pretende dizer que se deve amar e dar a vida, somente pelas pessoas que o sacerdote se afeiçoa. O critério, aqui, não são os afetos, mas o dever de ofício. O que se deseja expressar é que o sacerdote deve, sempre, cultivar um olhar compadecido pelo seu rebanho, limpos pelas lágrimas da sensibilidade humana sem nunca perder a grandiosidade do evangelho. Nunca perder aquele brilho no olhar, de um olhar paterno que o impele a agir “em favor de”, sempre a dizer “elas estão como ovelhas sem pastor”.

¹⁸ Cf. Papa Francisco. *Mensagem Para o LVI dia Mundial das Comunicações Sociais: Escutar com o Ouvido do Coração*. 24 de janeiro de 2022. Disponível in: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>.

através dela que Deus pode: “Revelar-Se como Aquele que, falando, cria o homem à sua imagem e, ouvindo-o, reconhece-o como seu interlocutor. Deus ama o homem: por isso lhe dirige a Palavra, por isso inclina o ouvido para o escutar”¹⁹.

Em um mundo, em que todos querem, desesperadamente, falar, uma escuta atenta e desinteressada, inevitavelmente, poderia levar a Deus. Poderia, também, revelar o seu cuidado amoroso e misericordioso, através daquele que escuta, já que, ouvir o outro é possibilidade de dar força para os aflitos e fracos e ânimo de viver para os desesperados e perdidos²⁰. Sem essa abertura humana do sacerdote, de compaixão, empatia e escuta, principalmente, para com aqueles que nenhuma ajuda conseguem receber, nenhuma fala pode ser significativa ou ter efeitos reais, nem na vida de quem escuta, e nem na de quem fala.

3.2 Sacerdote: “É preciso permitir que a alegria da fé desperte uma firme confiança mesmo no meio das piores angústias” (EG, n. 6).

Depois desta atitude desinteressada do sacerdote, junto àqueles que chegam até ele para buscar ajuda diante do sofrimento, parece conveniente refletir sobre o sentido do sofrimento cristão. Cabe aqui dizer que, tanto quem sofre com depressão, quanto aquele que tende ao suicídio, participam de um fato irremediável da natureza do homem: o sofrimento humano. O homem é um ser finito, que caminha para a morte, sujeito ao tempo e ao espaço. Nas palavras do Papa João Paulo II (1984) em *Salvificati Doloris* (SD, n. 5): “O campo do sofrimento humano é muito mais vasto, muito mais diversificado e mais pluridimensional. O homem sofre de diversas maneiras”. Tudo isso para dizer que o sofrimento humano é uma realidade, um fato empírico, que atinge todo e qualquer ser humano, quer este queira ou não.

¹⁹ Papa Francisco. *Escutar com o Ouvido do Coração* (24 de janeiro de 2022).

²⁰ “Recentemente, recebi um telefonema, às três da manhã, de uma senhora, que me contou que já estava determinada a cometer suicídio, mas tinha curiosidade de ouvir o que eu teria a dizer a respeito. Respondi com todos os argumentos a favor da vida, contra tal decisão, conversando com ela por trinta minutos, até a senhora, finalmente, prometer que me faria uma visita no hospital. Mas, quando ela apareceu, revelou que nenhum argumento meu a havia impressionado. A única razão, pela qual ela decidira não cometer suicídio, foi o fato de que, ao invés de ter-me enraivecido, por ela ter perturbado meu sono da madrugada, eu a ouvi *pacientemente*, conversando com ela por meia hora. Ela me disse, então, que um mundo em que algo assim pode acontecer, deve ser um mundo em que vale a pena viver” (FRANKL, 2011, p. 17 *Grifo nosso*).

Contudo, no princípio, não era assim. Deus criou o céu e a terra, as plantas e os animais, o homem e a mulher, e “Deus viu tudo que havia feito: e era muito bom” (Gn 1, 31). O sofrimento, na tradição eclesial, sempre foi tratado como fruto do pecado e da desobediência humana (cf. Gn 3). Destarte, pode-se dizer que o sofrimento não estava no plano original de Deus, mas foi escolha voluntária do homem, ao recusar o projeto de seu Criador.

Mesmo assim, Deus não quis que este fosse o desfecho final da história de sua criação e não abandonou o homem à sua própria sorte, pelo contrário, mostrou-se fiel, mesmo diante da infidelidade de seu povo. A encarnação do Verbo de Deus iria abraçar todo o sofrimento, indicando que Cristo, ao assumir a humanidade e salvando-a pela sua paixão, ressignificou todo o sofrimento humano.

Antes, o sofrimento era maldição, algo ruim e sem sentido. Agora, o Cristo, o *logos* eterno, deu sentido ao sofrimento humano, quando, pela encarnação e remissão, abraçou completamente a miséria e o sofrimento do mundo, no madeiro da Cruz (cf. SD, n. 14ss). Aquilo que era morte, na humanidade, Ele transformou em vida, e o sofrimento, que era maldição e tragédia, Ele transformou em triunfo, santificação e salvação.

O livro de Jó, o livro do justo que sofre, é uma prefiguração da alta teologia cristológica, em relação ao sofrimento. Depois de tanto sofrer, sua confiança em Deus permanece inabalável, e, como consequência, eis que ele descobre o sentido do sofrimento: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora meus olhos te veem” (Jó 42, 5)²¹. Neste caso, o sofrimento vivenciado foi possibilidade de uma comunhão mais íntima com Deus. Paradoxalmente a fidelidade e a confiança no Deus da Tradição, em meio à dor, ao sofrimento e à morte, fez com que Jó contemplasse, pessoalmente, este mesmo Deus, a ponto de dizer “agora meus olhos O viram”.

Percebe-se, aqui, a ideia de que existe um sentido salvífico para cada sofrimento (SD, n.1) que transcende a lógica humana, mas que é organizado pelos desígnios provenientes dos pensamentos infinitos de Deus. É no grito supremo de Cristo, na Cruz:

²¹ “Não é visão propriamente dita, mas sim uma percepção nova da realidade de Deus, Jó, que possuía de Deus apenas uma ideia transmitida pela tradição, penetrou no mistério, e inclina-se perante Onipotência. [...] Compreendeu que Deus não tem de prestar contas, e que a *sua Sabedoria pode conferir sentido insuspeitado a realidades como o sofrimento e a morte*” (Nota “e” *Bíblia de Jerusalém*, p. 856. Grifo nosso)

“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste²²” (cf. Mt 27, 26; Mc 15, 34), que se exclama: “*O felix culpa, quae talem ac tantum habere meruit Redemptorem!*”²³. O mal do pecado desencadeou um bem inenarrável ao gênero humano: de criaturas, os homens passaram a filhos adotivos de seu Criador. Deus muda o mal em Bem, e devolve ao homem muito mais do que ele havia perdido.

O sacerdote tem como missão pastoral ajudar as pessoas, sobretudo, aquelas que sofrem de transtorno depressivo, ou de graves crises existenciais, a fazerem este itinerário espiritual e humano, sobre o sentido do sofrimento cristão em suas vidas. O objetivo é ajudá-las a enxergar o aspecto redentor que existe por trás de todo o sofrimento, afinal, como expressa Santo Agostinho: “Deus nunca permitiria os males dos homens, se Ele não tivesse recursos para tirar dos males bens ainda maiores”²⁴.

Essa realidade teológica deve ser o ânimo da fé, diante das piores angústias e dos piores colapsos existenciais, porque, ao final de tudo, a última palavra, para os que creem, nunca é do sofrimento, mas da vida em Deus: “No mundo tereis muitas tribulações, mas tende coragem, *eu venci o mundo*” (Jo 16, 33. Grifo nosso).

Neste ponto, é importante ressaltar que todas as pessoas participam, de maneira direta e indireta, dos sofrimentos de Cristo (*SD*, n. 19), e é justamente por isso, que todo o sofrimento pode revelar um sentido para a vida. Não há episódio factual da vida humana, ou algum sofrimento pessoal, que careça de significado à existência (FRANKL, 2015, p. 26).

Encerra-se este tópico com a concretude de um relato de uma Freira carmelita, que sofria de depressão e pensava em suicídio. Extraído do seu diário, segue a descrição:

²² Os judeus sabiam de cor grandes passagens bíblicas, pois isso os fazia ser um com a palavra do Senhor e, conseqüentemente, com o Senhor Deus. Sendo assim, quando Jesus, no alto da cruz, começa a oração do Salmo 22 (21) “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste”, qualquer judeu sabe bem, que este salmo tem como conteúdo a confiança extrema e certa em Deus, mesmo diante da dor. Jesus permanece com o Pai, confia no Pai e se entrega totalmente à vontade do Pai. Indubitavelmente, esta é a maior riqueza deste salmo, atualizado e encarnado, na pessoa de Jesus Cristo: O justo sofredor que confia, inabalavelmente, em Deus, sabendo de sua libertação, mesmo sem tê-la ainda. Sendo assim, o salmo 22 (21) é um salmo, não de desespero ou blasfêmia, como muitos imaginam, a ponto de atribuir a Cristo uma certa fraqueza, diante do sofrimento da cruz.

²³ “Ó feliz culpa, que mereceu tal e tão grande Redentor”. Antiga homilia para Sábado Santo: PG 43. 440.452.461 [*Sábado Santo, 2ª Leitura do Ofício de Leituras: Liturgia das Horas*, s. 2 (Gráfica de Coimbra 1983).

²⁴ BETTENCOURT, T. Estevão. *Carta ao Redator Chefe do Jornal Brasil*. Mosteiro São Bento: Rio de Janeiro, 11 de junho de 2006.

A tristeza é o meu companheiro constante. Não me sai nunca da alma, como um peso de chumbo. Onde estão os meus ideais, toda a grandeza, toda a beleza, todo o Bem, que era o fim de todas as minhas aspirações? Tenho só tédio a preencher-me o coração, um tédio em que só me apetece bocejar. Vivo como se me tivessem atirado para o vazio: porque há temporadas em que me é negada a própria dor (FRANKL, 1989b, p. 273).

Note-se a melancolia anestésica, presente no texto. A seguir, aparecerá o sentimento de vazio e o desejo de morte na continuação do relato da irmã religiosa: “Nesta tortura, eu chamo por Deus, que é nosso Pai. Mas Ele fica calado. Para falar a verdade, só queria uma coisa: Morrer, - hoje mesmo se fosse possível”. Eis a grande virada sobre o sentido do sofrimento:

Se eu, graças à minha fé, não tivesse consciência de que não sou dona da minha vida, com certeza que já teria acabado com ela muitas vezes. Nesta fé, começa a desvanecer-se toda a amargura do sofrimento. Realmente, quem pensa que uma vida humana tem que ser sempre um andar de êxito em êxito, assemelha-se a um tolo que, postando-se diante duma obra arquitetônica e vendo cavar a fundo os alicerces, começa a abanar a cabeça, maravilhado de que dali precisamente vá emergir uma catedral. Deus constrói para ele um templo em cada alma humana. Em mim, começou agora a abrir os cavoucos para os alicerces. Portanto, a minha missão é apenas esta: *oferecer-me voluntariamente às suas enxadadas* (FRANKL, 1989b, p. 273-244. Grifo nosso).

3.3 Sacerdote: “Deus convida-te a fazer o que podes e a pedir o que não podes” (GE, n. 49).

Um sacerdote que cuida do seu rebanho, não por coação, mas de coração generoso (Cf. I Pd 5, 2), certamente deve fazer tudo o que estiver ao seu alcance, para livrar uma alma aflita de um sofrimento sem sentido e salvar uma vida de uma interrupção prematura. Seguramente, tal empreitada pastoral tem como objetivo conduzir a pessoa a Deus e ajudar, a quem sofre, a crescer na práxis sobre Jesus (MIRANDA, 2009, p. 20). É no caminho com o Mestre, conversando sobre as Escrituras, que todo o medo, tristeza e sofrimento desaparecem: “Não ardia nossos corações enquanto Ele falava pelo caminho?” (Lc 24, 32).

É missão pastoral do sacerdote ser essa figura facilitadora do encontro das pessoas, que passam por graves sofrimentos, com Cristo, a fim de que possam ouvir, da boca do mestre, um “*Talita cumi* - eu ordeno-te, levante-te!” (Mc 5, 22). Sobre estes

encontros de acampamento com o sacerdote, Barry (2005, p. 55) revela: “São ocasiões privilegiadas para a reflexão em nossa experiência para nela descobrir o “rumo dos anjos” [...] Essas sessões são, na verdade, solo sagrado”.

Contudo, sabe-se bem que acompanhar pessoas com transtorno depressivo é desafiador. E pode ser ainda mais complicado, atender pessoas que estão em uma situação de conflitos e pensam em cessar a própria vida. Não se pode negar, e nem mesmo subestimar, o alto grau de responsabilidade que existe, além da seriedade desses casos. Recomenda-se exercer, nos casos mais sérios e graves, uma pastoral de conjunto, isto é, considerar, seriamente, a atuação simultânea, no atendimento pastoral, de um profissional de saúde (OT, n. 2). Pois,

a ajuda espiritual não pode ser pautada pelo sentimento de piedade. Significa que não basta tentar ajudar alguém movido pelo sentimento de piedade, pois precisa haver profissionalismo, por meio da escuta atenciosa, em relação ao que a pessoa verbaliza enquanto dificuldade. Em seu dizer [Raguin], cabe ao diretor espiritual perceber que dependendo da situação precisa recorrer a uma ajuda técnica, de modo especial à psicologia, quando necessário (SANTOS, 2012, p.106).

O que se espera do sacerdote, não é que ele seja psicólogo ou psiquiatra, mas que ele saiba discernir, tendo uma reta antropologia e uma equilibrada formação humana, em quais situações se deve encaminhar um fiel para o psicólogo ou psiquiatra e informar a família. Nesse sentido, para o bom funcionamento da pastoral de conjunto, é preciso trabalhar com uma visão integral da pessoa humana, entendendo que as ciências, com todo o exercício da razão, também provêm de Deus e estão a serviço da vida humana²⁵.

O imperativo, neste momento, é fugir dos extremos. Não seria legítimo, pensar que a fé, somente e por si mesma, e desconsiderando tudo aquilo que é razoável e prudente à razão humana, fosse suficiente para enfrentar situações difíceis e delicadas, como realidades humanas que envolvam suicídio e depressão. O mesmo acontece com caminhos humanos de tratamento, que descartam, completamente, a fé. Bom senso é a chave para uma boa pastoral do sacerdote, que atende pessoas com depressão e pensamentos suicidas, pois como diz Einstein: “A ciência sem a religião é manca e a

²⁵ “Não há motivo para haver concorrência entre a razão e a fé: uma implica a outra, e cada qual tem o seu espaço próprio de realização” (JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Fides et Ratio*, 1998, n.17).

religião sem a ciência é cega” (FRANKL, 2019, p. 322). Sendo assim, reinterpretando o seu sentido hermenêutico, segue-se a orientação do Papa Francisco: “Deus convida-te a fazer o que podes e a pedir o que não podes” (GE, n. 49).

Considerações finais

Em relação às periferias humanas, é importante que se compreenda bem a complexidade de suas inúmeras realidades, além das suas infinitas possibilidades, no campo social, que podem se apresentar diante do ministério pastoral do sacerdote. Também, distante de querer estabelecer um pensamento utópico e irreal da própria prática pastoral sacerdotal, é salutar que se entenda que não há receita pronta, nem caminho fácil, confortável e sem riscos quando se trata de acompanhar pessoas com transtorno depressivo e tendência ao suicídio.

Os discursos e as reflexões aqui apresentados, indicaram, claramente, que o sacerdote, como o representante da Igreja, pode ajudar o homem a se reconciliar consigo mesmo, na medida em que o inspira a se abrir, a fim de se encontrar o sentido do sofrimento, em Cristo Jesus. Todavia, o sacerdote só estará apto a ajudar, se puder admitir que tem consciência de que carrega nos ombros o conhecimento e a grandeza da Instituição Sagrada e milenar, à qual ele se vinculou, perpetuamente. O caminho do sacerdote é deixar-se lapidar pela Igreja, de modo a se tornar um sacerdote douto dos mistérios de Deus e mestre do coração humano.

O suporte sacerdotal, por meio da compaixão, da resignificação do sofrimento e da pastoral em conjunto, ao lado das pessoas que sofrem conflitos psíquicos, se torna uma âncora existencial sem precedentes (FRANKL, 1992, p. 59). Em outras palavras, diante dos turbilhões dos conflitos humanos e crises existenciais, a pessoa encontra, como ponto de estabilidade existencial e emocional, a fé e a certeza de amparo, acolhimento e incentivo em um Deus que não deixa seus filhos à mercê da tempestade da vida. Mesmo que pareça, aos olhos humanos, que se está abandonado, deve-se

confiar. No sacrifício do Filho, o Pai estava lá. Ele não o abandonou frente ao sofrimento²⁶.

Não há outro caminho, senão reconhecer a validade espiritual, psicológica e social da missão da Igreja, realizada por numerosos sacerdotes. São incontáveis os sacerdotes que, no silêncio do cotidiano e no trabalho sem holofotes, cuidam dos fieis como o Bom Pastor. Esse aspecto teológico da vida sacerdotal, dentre muitos outros, aponta para uma realidade que vai para além do psicofísico, aponta o transcendente, o imaterial, aponta Deus mesmo. Aqui, retoma-se as pesquisas de Durkheim (2000, p.313), as quais constataram uma sensibilidade humana que, “é um abismo sem fundo que nada é capaz de preencher”. O autor está certo, ao constatar que existe um clamor existencial no homem, ao qual nada que seja material pode preencher, ou satisfazer, somente a dimensão imaterial. O homem, na facticidade da existência, pede o transcendente, pede por Deus. Como bem disse Agostinho (2002, p. 29): “Fizeste-nos para Ti e inquieto está nosso coração, enquanto não repousa em Ti”.

É imperativo devolver ao homem contemporâneo a verdade sobre a sua natureza, isto é, de fazê-lo perceber que sua referência para a vida não pode estar dentro dele mesmo, mas fora, numa realidade que ultrapasse o psicofísico. Aos cristãos, o sentido da vida é o próprio Cristo. Ele é a medida do falar, pensar e viver. A vida dos sacerdotes, seu agir e seu viver nas comunidades, é um remédio para a grande crise existencial e humana, sobretudo, na forma do transtorno depressivo e pensamento suicida²⁷.

A vida doada é um convite humano para sair de si mesmo e passar a viver por uma causa maior do que si próprio. Viver por um propósito que ultrapasse a si mesmo, além de ser terapêutico, é evangélico. Logicamente, os problemas do mundo não vão se resolver instantaneamente, mas, sem sombras de dúvidas, acolher a Deus, o Transcendente por excelência, e viver por uma causa, que vai além de si mesmo, para suportar e superar os grandes sofrimentos, dores, traumas e medos da vida é um grande passo inicial.

²⁶ Abraão tomou a lenha do holocausto e a colocou sobre seu filho Isaac, tendo ele mesmo tomado nas mãos o fogo e o cutelo, e *foram-se os dois juntos*. (Gn 22, 6. Grifo nosso). Eles foram juntos. O sacrifício do Filho é o sacrifício do Pai.

²⁷ Isso não significa que não há casos de sacerdotes com depressão e com pensamentos suicidas.

Referências bibliográficas

- AARON T, Beck; A. JOHN, Rush; BRIAN, F. Shaw; GARV, Emery. *Terapia Cognitiva da Depressão*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- BAHLS, Saint-Clair. *Depressão: Uma Breve Revisão dos Fundamentos Biológicos e Cognitivos*. Interação, Curitiba, v. 3, p. 49 a 60, jan./dez. 1999.
- BETTENCOURT, T. Estevão. *Carta ao Redator Chefe do Jornal Brasil*. Mosteiro São Bento: Rio de Janeiro, 11 de junho de 2006.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BOFF, Clodovis. *O Livro do Sentido: Crise e Busca de Sentido Hoje* (parte crítico-analítico v1). São Paulo: Paulus, 2014.
- BOTEGA, Neury José. *Crise Suicida: Avaliação e Manejo*. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- CAMUS, Albert. *El mito de Sísifo*. Madrid: Alianza Editorial, 1981.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes, 1993. (Referenciado CEC).
- CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2009. (Referenciado DAp).
- Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes* Sobre a Igreja no Mundo Atual. São Paulo: Paulinas, 1965. (Referenciado GS).
- Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Decreto *Optatam Totius* Sobre a Formação Sacerdotal. São Paulo: Paulinas, 1965. (OT).
- DUNKER, Christian. *Uma Biografia da Depressão*. São Paulo: Planeta, 2021.
- DURKHEIM, Émile. *O Suicídio: Estudo de Sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Evangelii Gaudium* Sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual. São Paulo: Paulinas, 2013. (Referenciada EG).
- FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Gaudete Et Exsultate* Sobre o Chamado a Santidade no Mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018. (Referenciada GE).
- FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit* aos Jovens e a Todo o Povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019. (Referenciado CV).
- FRANCISCO, Papa. *Mensagem Para o LVI dia Mundial das Comunicações Sociais: Escutar com o Ouvido do Coração* (24 de janeiro de 2022). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/2022-01-24-messaggio-comunicazioni-sociali.html>
- FRANKL, E. Viktor. *Teoria e Terapia das Neuroses. Introdução à Logoterapia e à Análise Existencial*. São Paulo: É Realizações, 2016.
- _____. *A Presença Ignorada de Deus*. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992.
- _____. *A Vontade de Sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia*. São Paulo: Paulus, 2011.
- _____. *Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração*. São Leopoldo: Sinodal; Vozes, 2003.

- _____. *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido: Caminhos para Encontrar a Razão de Viver*. São Paulo: É Realizações, 2015.
- _____. *Psicoterapia e Sentido da Vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial*. São Paulo: Quadrante, 1989b.
- _____. *Um Sentido Para a Vida: Psicoterapia e Humanismo*. Aparecida: Editora Santuário, 1989.
- JOÃO PAULO II, Papa. Carta Apostólica *Salvifici Dolorosa* Sobre o Sentido Cristão do Sofrimento Humano. São Paulo: Paulinas, 1984. (Referenciado SD).
- JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica *Fides et Ratio*. São Paulo: Paulinas, 1998. (Referenciado FR).
- LITURGIA DAS HORAS V. 2 Segundo o Rito Romano (Ofício Divino). Vozes; Paulinas; Paulus; Ave Maria, 2000. Antiga homilia para Sábado Santo: PG 43, 439.451.462-46. *A Descida do Senhor à Mansão dos Mortos. 2ª Leitura do Ofício de Leituras*. p. 439-440.
- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014 (Referenciado DSM-5).
- MARTINS, Breno Silva. *O Conceito de Supra Sentido na Logoterapia de Viktor Frankl: Uma Abertura à Teologia Cristã*. Filoteológica, Feira de Santana, v. 01, n. 2, p. 32-51, jul.-dez. 2021. Disponível em: [Click aqui](#).
- May, Rollo. *A Arte do Aconselhamento Psicológico*. Petrópolis: Vozes. 2000.
- PONDÉ, Luiz Felipe. *O homem Insuficiente: Comentários de Antropologia Pascaliana*. São Paulo: Edusp, 2001.
- SANTOS, Elismar Alves. *Psicologia da Religião: Direção Espiritual e Realização Humana*. Goiânia: Scala Editora, 2012.
- SGRECCIA, Elio. *Manual de Bioética: Fundamentos e Éticas Biomédicas I*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- TOMÁS DE AQUINO. *O Ente e a Essência. De Ente et Essentia*. Petrópolis: Vozes, 2013.